

Mulheres em luta



Por **SANDRA BITENCOURT***

A cada 90 minutos um feminicídio, mas a operação policial é contra o aborto. A violência real não é a que ameaça a ordem, mas a que mantém a dominação

“Não me olhe, como se a polícia andasse atrás de mim...” (Caetano Veloso, Dom de iludir).

1.

Começo o dia nublado, grudento e quente em Porto Alegre, ainda em êxtase pela vitória colorada, logo murcha ao ouvir a diligente notícia das competentes forças policiais gaúchas: a Polícia Civil do Rio Grande do Sul e a Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), identificaram uma rede de criminosos que “estimula” a realização de abortos mediante pagamento.

Às 8 horas da manhã tórrida e úmida estavam sendo cumpridos 23 mandados judiciais de busca e apreensão, em oito diferentes estados, para desarticular essa “organização criminosa interestadual, especializada no tráfico de medicamentos controlados”. Sim, senhores: a turma que vende Cytotec pela internet, o Misoprasol, que a bem da verdade tem salvado muitas vidas ao oferecer uma alternativa mais segura que os outrora açougueiros de clínicas clandestinas.

Nesta mesma manhã de investida contra o tal crime do aborto, na primeira hora do cumprimento de busca e apreensão, pelas estimativas mais recentes da Agência Brasil (2022) com dados do “Relógios da violência”, oito mulheres por minuto estavam sofrendo algum tipo de agressão. Os esforços policiais e a coordenação das autoridades estão, no mínimo, fora de sintonia com o medo e o sofrimento que se espalha. Ao final da operação, pelo menos uma mulher terá sido morta.

Sim, a cada 90 minutos uma mulher é assassinada no Brasil, segundo a Defensoria Pública. As manchetes estão aí, as estatísticas não mentem (Ministério da Saúde, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, IPEA, TJMG, Agência Brasil, etc.) e a percepção pública não se equivoca: a cada 10 mulheres no nosso país, três já sofreram violência doméstica. A quem pedir ajuda?

A polícia é a terceira opção: 58% recorreram à família, 53% à igreja e 28% procuraram Delegacias da Mulher. Entre as que solicitaram medida protetiva, quase metade relatou descumprimento. Esses são dados da 11ª Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher, realizada em 2025 e que entrevistou 21.641 brasileiras com 16 anos ou mais, em todos os estados e DF, entre maio e julho. A percepção social permanece preocupante.

Segundo a pesquisa do DataSenado, 79% das entrevistadas acreditam que a violência contra a mulher aumentou no último ano. Perguntadas se as mulheres são tratadas com respeito, a resposta é de 47% para as vezes e 46% para não. Questionadas se alguma amiga, familiar ou conhecida já sofreu violência, 67% respondem que sim.

2.

São números alarmantes sobre violência física e situações limite. Mas há outros, muitos, elementos sobre uma cultura, um imaginário, uma mentalidade que torna tudo muito mais grave e não só aqui. Isso tem autoria, tem fomento, tem método. A extrema direita age com uma combinação iníqua de discurso político, ataques a instituições e direitos e desmantelamento de políticas públicas.

É concreto. É fácil de levantar e identificar. Padecemos de manipulações discursivas, monetização de discursos misóginos, desmonte de políticas, alteração de legislações que protegem direitos, censura e violência na educação. Isso começa cedo. Há um ataque sistemático às mulheres e à infância. A proteção às crianças ou à família é sorrateiramente empunhada como uma bandeira moral em jogos de cena políticos para ocultar domínios e opressões.

Crianças tornam-se alvo de discursos patriotas e a manipulação inescrupulosa para fins políticos, mas na prática, a extrema direita recusa controle do ambiente digital (alegando liberdade), ataca educação nas escolas (insultando nossa inteligência com a tal ideologia de gênero), restringe o acesso à saúde física e mental (com medidas que impedem a atenção e a proteção para crianças abusadas).

O aborto é esse tema de dupla moral que se traveste de defesa da vida, criminaliza meninas e mulheres pobres, e é acionado como estratégia política baseada em hipocrisia e apelo moralista. Um assunto doloroso, imbricado em teias jurídicas, morais, religiosas, sanitárias. Defender a escolha, não é defender a morte. Ninguém defende o aborto. Se defende a liberdade e a proteção.

Mundo afora, no entanto, essa mobilização é acionada, sensível que é, para arregimentar forças que garantam retrocessos totalitários. O foco da opressão se localiza, via de regra, no corpo feminino. Esses corpos vilipendiados, arrastados, incendiados, consumidos. E claro, violados em todas as formas possíveis. Inclusive, algumas consideradas já consagradas. E para isso a Internet é ambiente perfeito.

Nos Estados Unidos, nos últimos meses, o lema *"Repeal the 19th"* viralizou nos espaços da extrema direita, onde alguns líderes religiosos e comunicadores sustentam que as mulheres não deveriam participar da política ou votar! O movimento começou a ganhar força depois da vitória do candidato democrata Zohran Mandani à prefeitura de Nova Iorque com 80% dos votos femininos.

As redes foram inundadas com mensagens misóginas que alcançaram o Trend Topic na plataforma X. A ideia seria proteger as mulheres de si mesmas. Perfis como Joel Webbon que declarou que as mulheres não estão destinadas a fazer política ou do pastor Dale Partirdge que disse que não é contra as mulheres, mas que seria necessário proteger a nação da empatia suicida feminina.

É ainda, logicamente um movimento minoritário, mas tem eco nas redes e apoio explícito de figuras próximas do poder, como o Secretário da Guerra Pete Hegseth. É só ruído, um perigo real ou um sinal de alerta sobre como são frágeis os direitos fundamentais das mulheres?

3.

Essa erosão de direitos tem uma dimensão concreta, jurídica e política. Mas tem sobretudo, uma dimensão simbólica. Nesse terreno, sobejam espaços, perfis e discursos que alcançam fama e dinheiro disseminando ódio, propondo manuais, vendendo cursos e ideias amplamente consumidas de submissão feminina, hierarquia de gênero e culto a um certo tipo de masculinidade.

Esse abrigo para jovens confusos com o próprio papel na sociedade e a sua necessária convivência com mulheres que exigem igualdade, é cada vez mais rentável e mais letal. Às vezes, no entanto, ocorre de ruir a performance diante da

a terra é redonda

vulgar e dura realidade. O *case* do Calvo do Campari, apelido de Thiago da Cruz Schoba, *coach* de masculinidade, acusado de agressão e estupro pela ex-namorada gerou uma crise de imagem corporativa sem precedentes.

A empresa Campari nunca patrocinou - e em 2023 repudiou falas misóginas do ícone do movimento *Red Pill* - mas teve sua reputação arrastada no escândalo de misoginia. O retrato digital do estrago é feio. A reputação online está numa pontuação de 3.9 em um ranking que vai até 10 (segundo dados da empresa Claritor).

Uma crise noticiada no canal *Info Money*, (com 18 mil *views* por menção), ou seja, viral, mais do que volumosa ou expressiva. O sentimento negativo associado à marca domina as conversas, portanto, gera mais engajamento. Das 55 menções totais, 377 são negativas, quase 70 % da conversa. Mais de um milhão de engajamento tóxico demonstra que o público está decidido em condenar a associação e não reconhece que a marca não tem a ver com o problema.

No Twitter onde se concentram 70 % das menções, o número de visualizações alcança 3,6 milhões, maior parte dominada pelo sentimento negativo. É inequívoco que houve uma condenação pública e isso é algo positivo. Como a Campari vai desinfetar seu nome, veremos. Como as mulheres seguirão tendo que tratar de sobreviver é o mais urgente.

Como a política se transforma a partir disso, é o relevante nesta quadra histórica de um capitalismo em crise comandado por espíritos prenhes de megalomania, fracos e covardes, sejam eles do gênero que for. Não vamos esquecer que tem por aí mulher “comandante” portadora do pior e mais patético autoritarismo.

Mas, nestes dias de incandescência nos termômetros e na paciência das mulheres gaúchas, teve marcha e teve construção, com a doçura e a meticulosidade das colmeias. O movimento [MEL](#), Mulheres em Luta, tomou as ruas da cidade como enxame e como força polinizadora. É uma boa ideia para o hoje e para o amanhã. E assim, cantamos: “você sabe explicar, você sabe entender tudo bem, você está, você é, você faz, você quer, você tem!”

***Sandra Bitencourt** é jornalista, doutora em comunicação e informação pela UFRGS, diretora de comunicação do Instituto Novos Paradigmas (INP).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)